



SEÇÃO: COMUNIDADES ECLESIAIS MISSIONÁRIAS

Comunidades sinodais: a importância da sinodalidade para a consolidação das Comunidades Eclesiais Missionárias no Brasil

Synodal Communities: the importance of synodality for the consolidation of Missionary Ecclesial Communities in Brazil

Comunidades sinodales: la importancia de la sinodalidad para la consolidación de las Comunidades Eclesiales Misioneras en Brasil

Vinicius da Silva Paiva¹

orcid.org/0000-0003-3977-3513
teologodemaria@gmail.com

Recebido em: 1 set. 2023.

Aprovado em: 6 out. 2023.

Publicado em: 08 dez 2023.

Resumo: Este artigo analisa o panorama das Comunidades Eclesiais Missionárias (CEMs), articulando-o com o tema da sinodalidade. Analisa-se a vocação eclesial do cristianismo a partir da perspectiva do "nós eclesial" de Heribert Mühlen. Tendo como referência as *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*, reflete-se sobre a analogia da "casa" como lugar de acolhimento e de relações fraternas. Em virtude da natureza missionária da Igreja, propõe-se uma evangelização personalizada e centrada na pessoa humana. Aborda-se a dinâmica do "dar-se" como ideal de convivência e a sinergia sinodal como fator decisivo para a maturidade das comunidades eclesiais. Destaca-se o perigo do clericalismo e a importância da autonomia dos leigos. Ao final, a narrativa lucana da visitação é apresentada como paradigma para a saída missionária da Igreja.

Palavras-chave: comunidades eclesiais; sinodalidade; evangelização; clericalismo.

Abstract: This article deals with the panorama of Ecclesiastical Missionary Communities (CEMs) in Brazil, articulating it with the theme of synodality. The ecclesial vocation of Christianity is analyzed from the perspective of Heribert Mühlen's "ecclesial we". Taking as a reference the General Guidelines for the Evangelizing Action of the Church in Brazil 2019-2023, we reflect on the analogy of "home" as a place of welcome and fraternal relationships. Due to the missionary nature of the Church, personalized evangelization centered on the human person is proposed. The dynamics of "giving oneself" as an ideal of coexistence and synodal synergy as a decisive factor for the maturity of ecclesial communities are addressed. The danger of clericalism and the importance of lay autonomy stand out. In the end, the Lucan narrative of the Visitation (Luke 1:39-56) is presented as a paradigm for the missionary departure of the Church.

Keywords: Ecclesiastical Communities; Synodality; Evangelization; Clericalism

Resumen: Este artículo aborda el panorama de las Comunidades Eclesiales Misioneras (CEM) en Brasil, articulándolo con el tema de la sinodalidad. Se analiza la vocación eclesial del cristianismo desde la perspectiva del "nosotros eclesial" de Heribert Mühlen. Tomando como referencia las Directrices Generales para la Acción Evangelizadora de la Iglesia en Brasil 2019-2023, reflexionamos sobre la analogía del "hogar" como lugar de acogida y de relaciones fraternas. Debido al carácter misionero de la Iglesia, se propone una evangelización personalizada y centrada en la persona humana. Se aborda la dinámica del "entregarse" como ideal de convivencia y la sinergia sinodal como factor decisivo para la madurez de las comunidades eclesiales. Destaca el peligro del clericalismo y la importancia de la autonomía laica. Al final, el relato lucano de la Visitación (Lucas 1:39-56) se presenta como paradigma de la salida misionera de la Iglesia.

Palabras clave: Comunidades Eclesiales; Sinodalidad; Evangelización; Clericalismo.



¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

Introdução

Refletir sobre as Comunidades Eclesiais Missionárias é missão relevante para a Teologia Pastoral no Brasil, quer seja pelo fato de ser um conceito ainda em aberto, quer seja pela pluralidade de expressões comunitárias católicas no país. Segundo Pereira (2021, p. 116), "as CEMs serão pequenas células, quase invisíveis, comparadas ao grande corpo da Igreja, mas farão esse corpo ter vida e vida plena". Um corpo saudável depende de células saudáveis. Existe um permanente movimento de renovação celular no corpo humano e, quando isso não acontece, há risco de morte. Também a proliferação desordenada de células é motivo de preocupação, sendo uma das principais características do câncer. Essa analogia aplicada à vida pastoral ilumina um dos maiores desafios da Igreja Católica no Brasil: como evangelizar no mundo de hoje a partir de uma experiência comunitária autenticamente cristã?

Comunidades eclesiais autênticas devem ser capazes de assumir a dimensão missionária da Igreja em perspectiva sinodal. Somente através de uma evangelização que se inicie pela escuta empática será possível estabelecer vínculos fraternos duradouros. É necessário abrir-se à realidade do outro ao invés de doutriná-lo. O anúncio do Reino de Deus nunca estará ultrapassado, desde que seja revestido daquele frescor próprio do Espírito de Deus, que a todos renova e sustenta. Não se justifica um empreendimento missionário que se dedique "apenas a apresentar a realidade eclesial já existente" (CNBB, 2019, doc. 109, n. 191). A Igreja não é a detentora da experiência religiosa cristã. Quando a Igreja sai em missão, sai também para aprender e ser evangelizada. Por mais estranha que soe tal afirmação, uma Igreja que não se coloca "em saída" acaba se tornando uma Igreja "sem saída".

Para a consolidação das CEMs no Brasil, faz-se necessário que elas sejam sinodais. Entretanto, o clericalismo e a decorrente centralização eclesial se constituem como riscos iminentes, verdadeiro tumor cancerígeno para a Igreja. Em contrapartida, a eclesiologia do Povo de Deus, tão reivindicada no Concílio Vaticano II, é o remédio adequado

para o combate ao clericalismo. A Igreja deve se inspirar em Maria, a mãe de Jesus. Sua ida à casa de Isabel narrada pelo evangelista Lucas abre novos horizontes para a evangelização. Ao final do artigo, propor-se-á a experiência sinodal de Maria e Isabel como paradigma da convivência comunitária cristã. A piedade popular mariana, vivida em perspectiva sinodal e comunitária, pode ser o grande propulsor da evangelização no século XXI.

1 Comunidades eclesiais

O que é uma comunidade eclesial? Parece ser uma pergunta desprezível e fácil de se responder. A princípio, a maioria das pessoas responderia tratar-se de um grupo de fiéis, reunido por algum tipo de vínculo religioso. No entanto, o grau de dificuldade aumenta à medida que se interroga a respeito da motivação que fez com que tal grupo surgisse e passasse a se encontrar. O surgimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) no Brasil, por exemplo, teve um caráter eminentemente geográfico e sociopolítico, já que a proximidade territorial ajudou na consolidação do espírito e do compromisso comunitário. Com o advento das Novas Comunidades e Novos Movimentos Eclesiais, essa territorialidade foi, de certa forma, substituída pela identidade carismática de cada grupo, ou seja, comunidades eclesiais passaram a se formar por critério de afinidade. Tanto em relação às CEBs quanto a esses novos grupos eclesiais há sempre muitas variáveis que, felizmente, impedem uma generalização. É em função dessa diversidade do Espírito (cf. 1Cor 4-7) que a pergunta a respeito do que seja uma comunidade eclesial ainda é uma questão em aberto para a Teologia Pastoral no Brasil.

No século passado, o eclesiólogo Heribert Mühlén (1983, p. 6), perito do Concílio Vaticano II, identificou uma "nova época" na organização comunitária da Igreja, uma certa passagem do "eu" para o "nós", de "uma espiritualidade individualista, centralizada no sujeito, para a descoberta da comunidade eclesial, da Igreja como grandeza social [...], uma espécie de experiência social de Deus, proporcionada pela fé dos co-cristãos". Não

obstante o otimismo eclesial de Mühlen, grande entusiasta do Concílio Vaticano II, percebe-se, no século XXI, que essa passagem do "eu" para o "nós" sofreu alguns reveses, a tal ponto de Francisco considerar que "o individualismo pós-moderno e globalizado favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas" (*Evangelii Gaudium*, n. 67). Mas, na verdade, a observação pastoral de Mühlen (1983, p. 176) é pertinente e está fundamentada em sua tese de que os primeiros cristãos viveram de forma intensa a "experiência eclesial do nós". Em linguagem contemporânea, seria possível dizer, na perspectiva de Mühlen, que os primeiros cristãos fizeram uma disruptiva experiência comunitária da fé em Cristo.

Ao falar especificamente das Comunidades Eclesiais Missionárias (CEMs), a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em suas *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*, recorreu à imagem da "Casa": "Esta casa é a comunidade eclesial missionária. Suas portas estão continuamente abertas para o duplo movimento permanente: entrar e sair" (CNBB, 2019, doc. 109, n. 7). Apesar de sutil, importa salientar que se tem aqui uma proposta qualitativamente nova em relação à prática eclesial anterior. Essa "casa" não está orientada apenas à consolidação do grupo eclesial, mas destinada a ser também uma "casa de passagem", um ponto de apoio e suporte permanentemente aberto às necessidades dos outros. A proposta é tornar-se um espaço de acolhimento: "Enquanto casa, as comunidades que queremos são espaço de encontro, da ternura e da solidariedade, o lugar da família e têm suas portas abertas" (CNBB, 2019, doc. 109, n. 129). Como afirma Pereira (2021, p. 25), "uma das características dessas Comunidades deve ser o acolhimento, que é fundamental para que as comunidades deem certo e cumpram a sua missão, que é evangelizar".

A inspiração bíblica para essa vivência é At 4, 34-35, já que não basta partilhar a Palavra e a Eucaristia, é preciso partilhar a vida, passando-se de um mútuo reconhecimento empático para um relacionamento verdadeiramente fraterno (CNBB,

2019, doc. 109, n. 76). Esse relacionamento não se resumia aos cristãos, mas "pela partilha da mesa com todos os batizados se estabelecia um novo estilo de vida, marcado pelo seguimento de Jesus Cristo. A hospitalidade era aberta também a pecadores e pagãos" (CNBB, 2019, doc. 109, n. 80). Se se leva em consideração que o cristianismo cresceu a partir da vida fraterna nas casas (cf. Lc 2, 46-47), parece haver uma clara intenção por parte da Igreja, no Brasil, de que seja retomado esse tipo de vínculo fraterno, essa experiência comunitária (social) de Deus.

Essa ideia de uma comunidade como um posto avançado da Igreja se distancia das agregações eclesiais por afinidade (relacionadas a um carisma específico) e, de certa forma, se aproxima da perspectiva original das CEBs enquanto presença missionária setorizada. A diferença é que essa presença é necessariamente mais aberta, plural e inclusiva. Mais importante do que a constituição de uma comunidade eclesial é seu efetivo funcionamento, mais importante do que sua estrutura deve ser sua vivência fraterna. O que se faz em uma comunidade eclesial é mais relevante do que quem o faz. A prática da eclesialidade é um exercício a ser redescoberto pela Igreja do século XXI. A prova disso é que a proposta da CNBB (2019, doc. 109, n. 131) não se resume às residências — qualquer espaço, mesmo improvisado, poder ser utilizado para a instalação de uma comunidade eclesial missionária, pois "as relações fraternas, e não o local em que se reúnem, é que são significadas pela imagem da casa".

2 Comunidades missionárias

Um segundo aspecto a ser considerado sobre as comunidades eclesiais, é que elas precisam ser missionárias. Para Francisco, é tempo de uma nova saída missionária da Igreja (*Evangelii Gaudium*, n. 20). Segundo Spadaro (2013, p. 67), "o tema da Igreja de 'portas abertas' é central na pregação do Papa Francisco, que deseja uma Igreja não preocupada em fortificar fronteiras, mas em buscar o encontro". Nesse sentido, uma pergunta que se impõe é saber se o estabeleci-

mento de uma comunidade eclesial já é, em si, uma resposta missionária da Igreja, ou se haveria a necessidade de que esse núcleo eclesial exercesse alguma atividade missionária para que tal comunidade fosse considerada missionária. Em outras palavras, o que faz especificamente uma comunidade ser missionária? Falando das CEMs, Pereira se utiliza do seguinte referencial:

Embora seja uma proposta missionária arquetípica, isto é, que tem como referencial ou arquétipo as comunidades dos primórdios do cristianismo, ela se manifesta como novidade de vida eclesial e missão, em todas as dimensões da existência pessoal, social e eclesial. No entanto, isso requer, a partir de nossa identidade católica, uma evangelização mais personalizada e, conseqüentemente, mais missionária, em diálogo com todos e a serviço de todos (PEREIRA, 2021, p. 117).

Tomando como parâmetro as comunidades da Igreja primitiva, para Pereira (2021), o caráter missionário da evangelização está em sua capacidade de ser "personalizada", ou seja, capaz de dialogar com todos. Nessa ótica, uma comunidade fechada em si mesma e autorreferenciada dificilmente conseguiria tornar-se uma comunidade missionária. As CEMs "precisam ser abertas, ecumênicas, pluriculturais, e não fazer distinção de pessoas" (PEREIRA, 2021, p. 17). Nas palavras de Francisco, "uma pastoral em chave missionária não está obcecada pela transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas que se tentam impor à força", mas deve ser capaz de se concentrar "no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário" (*Evangelii Gaudium*, n. 35). Parece residir aqui o grande drama da evangelização na atualidade, pois não se sabe ainda com clareza o que fazer, nem o que deve ser transmitido às pessoas. A crítica levantada por Kuzma (2021, p. 191) sobre a saída missionária da Igreja é desconcertante e desafiadora:

Tudo depende de uma apurada percepção do mundo em que a Igreja se encontra, da sua disposição em falar, mas também de ouvir e colher os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, de tal modo que possa responder, de maneira adaptada a cada geração, às interrogações eternas sobre o significado da vida presente e futura, conforme já afirmava o

Vaticano II. Na perspectiva de Francisco, é isso que vai dizer se esta é uma Igreja "em saída" ou não; e mais, se ela sai, de que forma o faz, por quê, por quem e para onde, com quem dialoga, o que oferece e de que forma se faz presente na vida concreta das pessoas. Se essas questões não forem bem respondidas, corremos o risco de sair com as estruturas nas costas levando às pessoas um fardo pesado de se carregar, totalmente distante das urgências do nosso tempo, que afetam tantas famílias.

Certamente, a Igreja deve comunicar Cristo e sua mensagem, mas é a interpretação dessa mensagem que carece de cuidadosa reflexão e atualização. Seguindo a eclesiologia do Concílio Vaticano II, entende-se que, assim como há sementes do Verbo nas mais diversas culturas (*Ad Gentes*, n. 11), há também a presença do Espírito na vida e na história das pessoas. Não seria razoável imaginar que o cristão católico detém toda a verdade sobre Deus, que o controla ou o determina. Antes de qualquer plano missionário, há de se fazer essa ressalva de alteridade, já que a autorreferencialidade distorce a verdade dos fatos: o cristão não é o salvador do mundo, apenas discípulo do Redentor, que optou salvar a humanidade encarnando-se e entregando-se livremente por amor. O modo próprio de Deus amar é dar-se. E todo ato missionário deveria ser, antes de tudo, uma autoentrega empática e solidária. O objeto da missão é o próprio testemunho da vida partilhada.

Um autor contemporâneo que tem se proposto a refletir sobre a ação do Espírito Santo na vida prática é Michael Böhnke. Ele ressalta que "no processo do dar-se, esse outro, como destinatário do dar-se, é incluído essencialmente no movimento que institui a relação do dar-se [...], o dar recebe-se novamente como realidade do outro" (BÖHNKE, 2020, p. 145). Uma comunidade genuinamente missionária é aquela que partilha do que tem, a exemplo da célebre frase de Jesus no Evangelho: "dai-lhes vós mesmo de comer" (Mt 14,16). Dar-se é chave existencial para uma autêntica evangelização. As CEMs necessitam se tornar espaços de encontro, de re-conhecimento mútuo, pois somente através de uma prática religiosa humanizada o mistério da Encarnação é iluminado. Certamente isso

não acontece de uma hora para outra, mas é fruto de uma crescente maturidade eclesial, ou, como diz Francisco (2015, p. 77): "a fraternidade, o sentimento de pertencermos uns aos outros e ao todo é a capacidade de nos unirmos e trabalharmos juntos com um horizonte partilhado de possibilidades". A pergunta que deveria nortear o despertar missionário de uma comunidade é "O que vamos fazer juntos?".

3 Comunidades sinodais

Tudo o que foi dito até aqui sobre comunidades eclesiais e comunidades missionárias carece de um elemento-chave para compreensão de sua dinâmica à luz da Igreja primitiva. Este elemento é a sinodalidade. Nas *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023* tem um único número que fala sobre sinodalidade:

A missão exige a habilidade de percorrer um caminho sinodal, que é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio. A sinodalidade significa o comprometimento e a participação de todo o Povo de Deus na vida e missão da Igreja, uma vez que todos, portanto, são corresponsáveis pela vida e pela missão da comunidade e todos são chamados a operar segundo a lei da mútua solidariedade no respeito dos específicos ministérios e carismas, enquanto cada um desses obtém a sua energia do único Senhor (1Cor 15,45) (CNBB, 2019, doc. 109, n. 39).

Embora seja uma única citação, o texto acima indica um caminho importante e ainda pouco percorrido pela reflexão teológico-pastoral: a corresponsabilidade missionária que se manifesta por meio da "sinergia sinodal". As expressões "energia" e "sinergia" aparecem em dois números do documento elaborado pela Comissão Teológica Internacional (2018) com o título *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Quando a CNBB se refere à mútua solidariedade entre carismas e ministérios, ela cita e transcreve literalmente a afirmação que está contida no número 22 do referido documento: "todos são chamados a operar segundo a lei da mútua solidariedade no respeito dos específicos ministérios e carismas, enquanto cada um desses obtém a sua energia do único Senhor" (COMISSÃO TEOLÓGICA INTER-

NACIONAL, 2018, n. 22). Já no número 53, essa "energia" obtida do "único Senhor" é descrita sob a perspectiva de uma "sinergia sinodal":

A sinodalidade é vivida na Igreja a serviço da missão. *Ecclesia peregrinans natura sua missionaria est*, esta existe para evangelizar. Todo o povo de Deus é o sujeito do anúncio do Evangelho. Nele, todo batizado é convocado para ser protagonista da missão, pois todos somos discípulos missionários. A Igreja é chamada a ativar em sinergia sinodal os ministérios e os carismas presentes na sua vida para discernir os caminhos da evangelização na escuta da voz do Espírito (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 2018, n. 53).

Dentro do tema da sinodalidade, a expressão "sinergia sinodal" aponta para o compartilhamento do protagonismo missionário, porque todos são discípulos missionários. Cada um é chamado a discernir a voz do Espírito e não apenas as lideranças religiosas que estão a frente de uma comunidade. No caso das comunidades eclesiais, a sinergia sinodal seria responsável pela comunhão na diversidade, já que a cada um foi dada a manifestação do Espírito para o bem comum (cf. 1Cor 12,7). Mas, na prática, se constata que ainda há uma grande resistência, que beira ao preconceito, em admitir que qualquer um, seja quem for, tem algo a contribuir. Durante anos de formação catequética e vida paroquial, os fiéis são doutrinados a esperarem apenas do clero e de lideranças escolhidas os direcionamentos para vida pessoal e pastoral. Cabe perguntar: que autonomia tem uma CEM para discernir seus próprios caminhos e missões? A padronização e o engessamento pastoral sempre ameaçam a criatividade do Espírito.

A sinodalidade manifesta o caráter peregrino da Igreja (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, 2018, n. 49), por isso somente uma Igreja sinodal pode efetivamente se tornar uma Igreja "em saída". Se a pastoral missionária, em seus diversos níveis (nacional, regional, diocesano e paroquial), não for estruturada para agir com sinergia sinodal, a renovação eclesial desejada por Francisco tardará a chegar. E isso só é possível a partir da escuta a cada batizado. Trata-se, segundo Kuzma (2022, p. 162), de "uma Igreja de

sujeitos eclesiais, que vivem a experiência do batismo e que buscam um crescimento e uma maturidade na fé". A sinergia sinodal provém do Batismo. E não se trata apenas de dignidade batismal, mas de "capacidade" batismal. Cada batizado, como sujeito e protagonista da missão, tem a capacidade de evangelizar. Prova disso é a piedade popular. Pouco se falou do potencial evangelizador da piedade popular no contexto das CEMs, mas certamente é uma frente promissora quando se pensa no protagonismo dos leigos.

4 Um perigo: o clericalismo

Por muito tempo, o sacerdote foi considerado o "sujeito" eclesial por excelência, o protagonista da ação evangelizadora na Igreja. Quando muito, os leigos eram apenas coadjuvantes, "predicados" determinados pelo sujeito e seu tempo verbal. Entretanto, esse modelo de prática eclesial fracassou, serviu apenas para criar redutos católicos paroquiais. O advento do clericalismo, inclusive entre os leigos, favoreceu a ideia de uma Igreja autocentrada e proselitista. As muitas iniciativas missionárias pouco se debruçaram sobre o estabelecimento de relações fraternas duradouras e descentralizadas. Evangelizar, para muitos, infelizmente ainda hoje, significa apenas transmitir algum conteúdo de fé, salvar almas, "trazer" para a Igreja. A experiência de fé no Cristo ficou condicionada à comprovação de bons antecedentes morais: não é para qualquer um. A proposta das CEMs é justamente o contrário: ser uma casa aberta para todos, para "escutar suas angústias, compartilhar suas alegrias, compreender suas mentalidades e interpelar seus contravalores" (CNBB, 2019, doc. 109, n. 11). E isso só é possível através de relações fraternas autênticas, francas e permanentes.

Na I Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe, realizada de 22 a 28 de novembro de 2021, em Guadalupe, no México, foram definidos oito "sinais eclesiais" que interpelam a Igreja na América Latina, e o sexto sinal foi o clericalismo como um obstáculo para a sinodalidade da Igreja. Segundo Mori, é necessário passar "de

uma perspectiva clerical para uma perspectiva sinodal na qual a burocracia, a autossuficiência e o abuso do poder não façam sombra à atuação do Espírito" (MORI, 2022, p. 45). Já segundo Schuina, "superar e romper com o clericalismo é fundamental para resgatar a Igreja povo de Deus" (SCHUINA, 2022, p. 58). Essa ideia de "resgate" retoma a temática da libertação, tão utilizada pelas CEBs. Nesse sentido, guardadas as devidas ressalvas, é como se fosse necessário libertar a Igreja da própria Igreja. Essa afirmação deve ser entendida no horizonte do Concílio Vaticano II, ao prever que a Igreja é o Povo de Deus que se estende a todos os povos da terra (*Lumen Gentium*, n. 13). Deixar de ir ao encontro desses povos por causa do clericalismo é deter-se em seu próprio claustro eclesial.

De forma prática, pensar em CEMs em perspectiva sinodal significa permitir que os leigos se organizem de forma articulada em nome da Igreja, sem a costumeira centralização de comando por parte do clero (sacerdotes e diáconos). A autonomia não é um voto de confiança e nem um "cheque em branco", é, antes de tudo, o reconhecimento de que o Espírito Santo sopra onde quer (cf. Jo 3,8), e que existem valores cristãos para além dos muros do cristianismo. Tal compreensão abriria a possibilidade de que tais comunidades fossem, inclusive, abertas ao diálogo ecumênico e inter-religioso. Como bem recorda a CNBB (2019, doc. 109, n. 141): "É hora de assumirmos, com maior radicalidade, a proposta de descentralização e capilarização da experiência eclesial".

5 Uma inspiração: Maria de Nazaré

O relato da visitação de Maria a Isabel (Lc 1, 39-56) oferece importantes subsídios para as CEMs. Uma releitura possível é enxergar nesse relato lucano um retrato da experiência missionária que a Igreja fazia em seus primórdios. Segundo Brown (2005, p. 300), "raramente a teologia foi dramatizada com mais talento e sensibilidade". É dele a hipótese de que a visita de Maria a Isabel tem relação literária com as viagens de Paulo e a própria viagem de Jesus a Jerusalém (BROWN,

2005). Nessa perspectiva, se a visitação de Maria quis parecer uma viagem missionária, que características podem ser encontradas nessa missão? Certamente não foi uma simples visita, pois Maria permaneceu na casa de Isabel por cerca de três meses (cf. Lc 1,56). A partir dessa "permanência" missionária, é possível refletir sobre a necessidade de uma nova saída missionária (*Evangelii Gaudium*, n. 20), "que a exemplo da Maria lucana, não apenas visite e vá embora; mas permaneça, celebre, crie vínculos e faça comunhão" (PAIVA, 2023, p. 138).

Esses três meses de convivência na casa de Isabel também podem ser considerados como uma experiência sinodal, pois há escuta recíproca, serviço e alteridade. A cena da visitação revela uma profunda "sinergia sinodal" entre as personagens. O influxo da graça que transborda da saudação de Maria alcança não apenas o ventre de Isabel (cf. Lc 1,41), mas sua história de vida, seus anseios e sonhos. Não foi num templo que o primeiro louvor cristão foi cantado, mas em uma casa; não foi um sacerdote que o proclamou — aliás, o sacerdote estava mudo porque não havia acreditado (cf. Lc 1,22) —, mas duas mulheres leigas, cheias do Espírito e igualmente profetizas da libertação. Uma Igreja mariana deve ser capaz de adotar a atitude de Maria e seu jeito sinodal de evangelizar. Scannone (2019) diz que a piedade popular juntamente com a Pneumatologia e o mistério da Encarnação são as três chaves de leitura da eclesiologia de Francisco na *Evangelii Gaudium*. De igual maneira, não seria exagero dizer que a piedade popular mariana ajuda a Igreja a reler sua própria relação com a sociedade, pois o povo católico evangeliza crendo em Jesus e amando Maria.

Considerações finais

Após esse breve percurso temático, duas conclusões parecem ser pertinentes, ainda que não esgotem o assunto, que é riquíssimo. A primeira delas é a importância da sinodalidade para a consolidação das CEMs no Brasil, quase como um selo de autenticidade da vida cristã. Sem escuta, participação e corresponsabilidade missionária, a

comunidade eclesial torna-se apenas um grupo de fiéis que se reúne com regularidade. Mas se há sinergia sinodal e autonomia pastoral, esse grupo pode se tornar uma comunidade forte e acolhedora. Nessa perspectiva, relações fraternas devem ser motivadas por um sincero desejo de partilha e a comunidade eclesial deve assumir o compromisso de promover uma evangelização encarnada e solidária, que não deixe ninguém de fora, mas que escute e acolha a todos.

Um dos obstáculos à prática sinodal é o clericalismo, ainda que se dê pouca importância a isso. O clericalismo é a corrupção da fraternidade, pois quando se instala, desequilibra a vida comunitária. O clérigo passa a exercer indevidamente a função de porta-voz de Deus, e os fiéis não são estimulados a discernirem os sinais dos tempos. Uma comunidade que admita tal relação eclesial não conseguirá desenvolver seu potencial evangelizador. Clericalismo e sinodalidade são posturas excludentes entre si. O "nós eclesial" vislumbrado por Mühlen em sua eclesiologia pós-conciliar não se coaduna com a centralização clerical. Isso também se aplica ao conceito de Igreja "em saída" de Francisco: somente uma Igreja sinodal consegue efetivamente sair de si mesma, libertar-se de sua autorreferencialidade e de seu imobilismo. A visita de Maria a Isabel, narrada pelo evangelista Lucas, motiva a Igreja do século XXI a sair do conforto de sua casa para servir e estar com aqueles que mais necessitam de presença e convivência.

Referências

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2012.

BÖHNKE, Michael. *O Espírito de Deus na ação humana: Pneumatologia prática*. São Paulo: Paulinas, 2020.

BROWN, Raymond E. *O nascimento do Messias: comentário das narrativas da infância nos evangelhos de Mateus e Lucas*. São Paulo: Paulinas, 2005.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e missão da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2018. (Col. Documentos da Igreja, 48).

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). Cidade do Vaticano. *Ad Gentes*. In: VIER, Frederico (coord.). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 1995a. p.349-400.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965). Cidade do Vaticano. *Lumen Gentium*. In: VIER, Frederico (coord.). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 1995b. p. 37-118.

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023*. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019. (Col. Documentos da CNBB, n. 109).

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium, a alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Loyola: Paulus, 2013.

FRANCISCO. *Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

KUZMA, Cesar. *Amoris Laetitia* e o senso da fé: discernindo, acompanhando e superando resistências. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês C. *Discernimento moral e benignidade pastoral: para além das incompreensões e resistências à Amoris Laetitia*. Aparecida: Santuário, 2021. p. 183-216.

KUZMA, Cesar. Igreja sinodal. In: AQUINO JUNIOR, Francisco; MORI, Geraldo (org.). *Igreja em saída sinodal para as periferias: reflexões sobre a I Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2022. p. 147-164.

MORI, Geraldo. Leitura do Documento para o discernimento comunitário. In: AQUINO JUNIOR, Francisco; MORI, Geraldo (org.). *Igreja em saída sinodal para as periferias: reflexões sobre a I Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2022. p. 30-50.

MÜHLEN, Heribert. *Fé cristã renovada: Carisma, Espírito, libertação*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1983.

PAIVA, Vinicius S. *O canto da Igreja "em saída": uma releitura da Evangelii Gaudium à luz do Magnificat*. 2023. 145 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/10766/2/VIN%C3%8DCIUS_DA_SILVA_PAIVA_DIS.pdf. Acesso em: 31 ago. 2023.

PEREIRA, José Carlos. *Comunidades eclesiais missionárias: manual de implantação, formação e atuação de líderes e demais participantes da CEMs*. Aparecida: Santuário, 2021.

SCANNONE, Juan Carlos. *A teologia do povo: raízes teológicas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2019.

SCHUINA, Marilza José. Todos somos discípulos e discípulas, missionários e missionárias em saída. In: AQUINO JUNIOR, Francisco; MORI, Geraldo (org.). *Igreja em saída sinodal para as periferias: reflexões sobre a I Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2022. p. 52-62.

SPADARO, Antonio. *A proposta do Papa Francisco: o futuro rosto da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2013.

Vinicius da Silva Paiva

Leigo casado, economiário, formado em Gestão de Pessoas com MBA em Transformação Digital; Graduado em Teologia, com especialização em Mariologia e em Doutrina Social da Igreja; Mestre e doutorando em Teologia Sistemática pela PUCRS. Assessor teológico da Academia Marial de Aparecida; Professor na Pós-Graduação de Mariologia da Faculdade Dehoniana e membro da Academia Brasileira de Mariologia.

Endereço para correspondência

VINÍCIUS DA SILVA PAIVA

Av. Ministro Edgard Romero, n. 881, bl. 1, apto. 302

Madureira, 21360202

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.